

Prólogo

Outono de 1840

A noite caía depressa e a lua crescente surgia baixa no céu sem nuvens. Na aldeia, o almoadem chamava os fiéis para as preces, e as notas frequentes se juntavam ao aroma tentador de pão assado e ao cheiro de lenha. Tratava-se de uma cena tão agradável e serena quanto a mulher que a havia observado incontáveis vezes antes, parada à janela, experimentando um curioso momento de deslocação, uma inabilidade para aceitar o estranho destino que a tinha levado àquela terra estrangeira.

Em geral, ela se mantinha tão ocupada que, praticamente, não sobrava tempo para pensar no passado, mas, naquele instante, uma intensa tristeza a dominou. Ela sentia falta das colinas verdes e agrestes de sua infância, e, embora houvesse feito novos amigos e logo fosse jantar com a família substituta que amava, tinha saudade dos parentes consanguíneos e dos amigos que perdera para sempre.

Acima de tudo, lamentava a ausência do homem que tinha sido mais do que um amigo. Ficou imaginando se ele alguma vez havia pensado nela e, se o tivesse feito, se fora com ódio, raiva ou indiferença. Pelo bem dele, ela esperava que fosse com indiferença.

Seria mais fácil se ela não sentisse nada, embora não lamentasse a dor que, mesmo depois de tantos anos, ainda a afetava silenciosamente no dia-a-dia. A dor era o último vestígio do amor, e ainda não estava disposta a pôr de lado essa adoração tão intensa, chegando até a duvidar de que fosse possível esquecê-la.

Sua vida podia, e devia, ter sido tão diferente. Ela tivera tanto... muito mais do que a maioria das mulheres nem mesmo sonhara conseguir. Se, ao menos, tivesse sido mais sensata ou menos impulsiva. Se não tivesse sucumbido ao desespero. Se...

Ao se dar conta de que estava se enredando na familiar e inútil ladainha de lamentações, respirou fundo e forçou-se a pensar nas responsabilidades que agora davam significado a sua vida. A primeira lição de sobrevivência que aprendera foi que nada podia mudar o passado.

Apenas por um momento, tocou o pingente da corrente que circundava seu pescoço, sob o robe. Então, virou-se de costas para a janela. Já havia preparado a cama e devia se deitar. Sozinha.

Capítulo I

Londres, outubro de 1840

Lorde Ross Carlisle sorveu um longo gole de conhaque, pensando, divertido, que assistir a dois periquitos se tocar com os bicos e arrulhar era o suficiente para levar um homem aos lugares mais remotos da Terra, exatamente aonde ele estava prestes a ir. E não facilitava em nada o fato de que os felizes amantes eram seus melhores amigos. Talvez até dificultasse.

Passeou o olhar pela confortável sala de visitas, onde saboreavam um drinque pós-jantar; conhaque para os dois homens, limonada para lady Sara, que estava nos primeiros meses de gestação e havia perdido o gosto pelo álcool. Os três haviam passado muitas noites como aquela, juntos, e Ross sentiria muita falta da conversa e da companhia.

Enfim, lembrando-se das obrigações, o anfitrião de Ross quebrou o silêncio e ergueu uma garrafa.

— Mais conhaque, Ross?

— Mais uma dose, por favor. Não mais do que isso, ou não me sentirei bem para partir em viagem amanhã cedo.

Mikahl Connery entornou uma pequena quantidade do líquido cor de âmbar no cálice de ambos. Erguendo seu cálice, disse:

— Que você tenha uma emocionante e produtiva viagem.

A esposa, lady Sara Connery, também levantou o copo e acrescentou:

— E, depois de tamanha diversão, volte para casa em segurança.

— Vou beber na esperança de que ambos os desejos se concretizem. —

Ross dirigiu um olhar afetuoso a Sara, refletindo em como o casamento estava fazendo bem a ela.

Sara era sua prima, e os dois partilhavam da incomum combinação de olhos castanhos e cabelos amarelos-ouro brilhantes, porém a prima aparentava uma serenidade tão íntima que ele nunca havia notado. Durante vários anos, ele só encontrava paz enquanto viajava, desafiando a si mesmo em situações que requeriam toda sua atenção e força.

— Não fique preocupada enquanto eu estiver fora, Sara. O Oriente é menos perigoso do que muitos outros lugares em que já estive. Decerto é mais seguro do que as montanhas selvagens onde encontrei seu inquietante marido.

Mikahl sorveu a bebida e baixou o cálice.

— Talvez seja hora de desistir dessas perambulações incessantes e sossegar, Ross — ele opinou, os olhos verdes brilhando intensamente. Então, pousou a mão enorme sobre a de Sara. — Uma esposa é bem mais excitante do que uma cidade deserta e destruída.

Ross sorriu.

— Não há entusiasta maior do que um convertido. Quando veio à Inglaterra, cerca de um ano e meio atrás, você teria gargalhado ante a ideia de casamento.

— Mas sou muito mais sensato agora. — Mikahl passou o braço sobre os ombros da esposa e a puxou para mais perto de si. — É claro que há apenas uma Sara, no entanto, em algum lugar da Inglaterra, deve haver uma esposa satisfatória para você.

Talvez fosse o conhaque ou pura brincadeira de mau gosto da parte de Ross.

— Sem dúvida, está certo — ele replicou —, porém tal modelo de perfeição não teria valor para mim. Alguma vez mencionei que já tenho esposa? — Com imensa satisfação, Ross notou que conseguira surpreender o amigo.

— Sabe muito bem que jamais me falou a esse respeito — Mikahl respondeu, franzindo as sobrancelhas. Mal podendo acreditar, olhou de modo inquisitivo para Sara.

— É verdade, querido. De fato, fui uma das madrinhas de casamento. — Desviando o olhar grave ao primo, ela prosseguiu: — Doze anos atrás.

— Fascinante. — O olhar de Mikahl pareceu distante por um momento, como se examinasse o passado sob uma perspectiva diferente. A seguir, deixando de lado a polidez britânica, acrescentou com vivo interesse: — Com certeza, você fez um bom trabalho ao escondê-la. Que história é essa, ou não devo perguntar?

— Não deve perguntar — Sara interveio, fitando o marido, severa.

Ross sorriu de leve.

— Não precisa olhar para Mikahl de modo tão ameaçador, Sara. Não se trata de um segredo, apenas de um fato muito antigo. — Sentindo necessidade de mais conhaque, serviu-se de outra dose. — Eu estava voltando de Cambridge quando conheci Juliet Cameron. Ela era colega de escola de Sara, alta, de cabelos vermelhos, bem diferente de todas as mulheres que conheci. Filha de um diplomata escocês, Juliet passou grande parte da juventude em lugares exóticos como a Pérsia e Trípoli, e, levando-se em conta que eu era um orientalista iniciante, ela se mostrou irresistível a meus olhos. Casamo-nos completamente cegos por uma mútua luxúria. Todos diziam que não ia dar certo e, pelo visto, tinham

razão.

O tom casual de Ross parecia não estar sendo convincente o suficiente, já que Mikahl estreitou os olhos de modo perturbador. Todavia, questionou apenas:

— Onde está sua Juliet agora?

— Ela não é mais a minha mulher, e não faço a menor ideia de onde esteja. — Ross tomou o conhaque de uma vez. — Após seis meses de casados, ela desapareceu, deixando apenas um bilhete que dizia não ter a menor vontade de voltar a me ver nem a Inglaterra. De acordo com o advogado de Juliet, ela está levando uma vida próspera, mas não sei onde nem como. Provavelmente se estabeleceu com um sultão no Saara e agora tem um harém masculino. — Pôs-se de pé. — Está ficando tarde. Hora de ir para casa se eu quiser partir antes do amanhecer.

Sara se levantou e atravessou a sala para abraçá-lo.

— Vou sentir saudade, Ross — ela murmurou. — Tenha cuidado.

— Sempre sou cuidadoso. — Ele a beijou na testa e em seguida se virou para o amigo.

Pretendia lhe estender a mão, mas Mikahl, mais uma vez deixando os costumes ingleses de lado, abraçou-o com vigor.

— E, se tomar cuidado não for o suficiente, seja perigoso. Você é muito bom nisso, para um cavalheiro inglês.

Ross sorriu e deu uns tapinhas no ombro do amigo.

— Tive bons professores.

Todos riram, e Ross se foi. Ele preferia as despedidas animadas às tristes.

Constantinopla, janeiro de 1841

O embaixador britânico da Sublime Porta morava a cerca de vinte quilômetros de Constantinopla, em uma aldeia no estreito de Bósforo. Ao entrar na embaixada para atender um convite cortês, Ross se divertiu observando o interior que em nada se distinguia da de Mayfair. Como uma fortaleza inglesa, a residência do embaixador não podia ser criticada, embora externamente parecesse a casa de qualquer turco opulento.

Um criado havia levado o cartão de visitas de Ross para dentro, e apenas alguns instantes tinham se passado antes que o próprio embaixador, sir Stratford Canning, viesse cumprimentar o ilustre visitante.

— Lorde Ross Carlisle! — O embaixador estendeu a mão. — É um grande prazer conhecê-lo enfim. Li seus dois livros. Não posso dizer que sempre concordo com suas conclusões, mas a maioria é interessante e

instrutiva.

Ross sorriu e apertou a mão de Canning.

— Para um escritor, é suficiente ser lido, sir Stratford. Agradar a todos seria presunção demais de minha parte. Recentemente terminei outro livro, sendo assim logo terá mais pontos a discordar de mim.

O embaixador riu.

— Por quanto tempo ficará em Constantinopla, lorde Ross?

— Creio que por volta de quinze dias, até que eu tenha tomado as providências para ir ao sul do Líbano. Depois pretendo visitar o norte da Arábia. Eu gostaria de viajar com os beduínos.

Canning estremeceu.

— Melhor o senhor do que eu. Meu maior desejo é voltar à Inglaterra, mas o Ministério das Relações Exteriores insiste em me enviar para fora de meu país. Esta é minha terceira transferência para Constantinopla. Bajulação, sabe como é, afirmam que ninguém é capaz de desempenhar essa função tão bem quanto eu.

Conhecendo a formidável reputação de Canning, Ross sorriu.

— É bem provável que o Ministério das Relações Exteriores esteja certo.

— Eu estava prestes a tomar chá em meu estúdio. Gostaria de se juntar a mim?

Assim que Ross anuiu, Canning o conduziu por um corredor que os levou a um belo escritório, repleto de prateleiras de livros.

— Várias cartas o aguardam aqui há semanas.

— Em princípio, planejei chegar a Constantinopla no começo de dezembro — Ross explicou enquanto se sentava. — Mas acabei decidindo passar algumas semanas em Atenas. Essa é a vantagem de viajar por prazer.

Canning tocou a sineta para que o chá fosse servido, a seguir atravessou a sala e abriu a gaveta de um armário. Depois de remexê-la por alguns instantes, ele apanhou um pacote de cartas amarrado com fita e o entregou a Ross. Com a expressão do rosto subitamente sóbria, disse:

— Temo que uma das cartas contenha más notícias, devido à faixa negra.

As palavras do embaixador dissiparam o comportamento polido de Ross. Com o pacote na mão, questionou:

— Importa-se de eu a ler imediatamente?

— Claro que não. — Canning deu ao convidado um abridor de cartas e foi se sentar em sua mesa.

Ross passou os olhos pelas cartas rapidamente e reconheceu a letra de

Sara, de Mikahl e da mãe entre outras. A carta que continha a faixa negra era uma das últimas do maço. Com alívio, notou que fora escrita pela mãe, o que significava que ela estava bem.

Ele reuniu coragem para romper o selo. O pai, o duque de Windermere, já estava com quase oitenta anos, e, embora contasse com boa saúde, o filho não se surpreenderia se a morte houvesse decidido levar o velho. Nesse caso, esperava que tivesse sido rápida.

Preparado para aceitar o óbito do pai, Ross levou algum tempo para compreender que a carta não dizia o que ele imaginara. Quando se deu conta do conteúdo, expirou com suavidade e fechou os olhos, esfregando a têmpora com a mão enquanto pensava em como aquelas notícias afetariam sua vida.

— Há algo que eu possa fazer pelo senhor, lorde Ross? — Canning perguntou, calmo. — O que acha de uma dose de conhaque?

Ross abriu os olhos.

— Não, obrigado. Estou bem.

— Problemas com seu pai? — o embaixador indagou, hesitante. — Conheci o duque alguns anos atrás. Um homem muito distinto.

— Não houve nada com meu pai. — Ross suspirou. — Meu irmão, ou melhor, meio-irmão, o marquês de Kilburn, morreu de repente no mês passado.

— Sinto muito. Eu não conhecia lorde Kilburn, mas estou certo de que deve ser uma grande perda para o senhor.

— Não se trata de uma perda pessoal. — Ross fitou a carta, lamentando que seu único irmão tivesse vivido e morrido como um estranho para ele. — Kilburn era bem mais velho do que eu, e não éramos íntimos. — Na verdade, eles mal se viram e se falaram, e não haveria mais chance de afastar o orgulho e a raiva que havia se colocado entre ambos. Kilburn não aprovara o segundo casamento do pai, nem a criança oriunda dessa relação. O duque de Windermere se entristecia com o fato de o casamento que lhe trouxera tanta felicidade também o tivesse indisposto com o filho mais velho e herdeiro.

A especulação dominou o olhar do embaixador.

— Não estou a par das circunstâncias que envolvem sua família. Seu irmão deixou algum filho?

Esse era o ponto crucial da questão.

— Kilburn teve uma filha do primeiro casamento — Ross respondeu. — Quando a primeira esposa morreu, poucos anos depois do nascimento da menina, ele tornou a se casar, e a nova mulher estava grávida quando deixou a Inglaterra. O bebê nasceu alguns dias depois da morte de Kilburn,

mas, infelizmente, trata-se de outra menina.

— Então, o senhor é o novo marquês de Kilburn. — Canning estreitou os olhos ao observar o convidado. — Considera o fato inoportuno? Perdoe-me, lorde Kilburn, mas a maioria dos homens não lamentaria se tornar o herdeiro de um ducado. O senhor não tem culpa pelo fato de seu irmão não ter gerado filhos para sucedê-lo.

— Nunca ambicionei me tornar o duque de Windermere. — Sério, Ross tentou se acostumar com a ideia de que dali em diante carregaria o título do irmão que o havia desprezado. — Passar a ser o novo herdeiro de meu pai, significa que meus dias de viajante chegaram ao fim. Meus pais querem que eu retorne à Inglaterra imediatamente, pois papai não pode se arriscar a perder o último filho. Além do mais, há muitos negócios da família que necessitam de atenção.

Canning assentiu, lentamente.

— Imagino que sim. Sinto muito. Espero que encontre algum conforto no fato de já ter estado em muitos lugares que a maioria dos homens apenas sonharia visitar.

— Sei disso. — Ross esforçou-se para controlar as emoções contraditórias que o perturbavam. — Sempre tive liberdade e uma vida privilegiada. Agora vou ter de pagar o preço devido, assumindo as responsabilidades que terei pela frente.

O chá foi servido, e, na próxima meia hora, eles conversaram sobre assuntos mais pessoais.

Quando Ross se ergueu para ir embora, o embaixador se manifestou:

— Espero que venha jantar conosco antes que parta de Constantinopla. Lady Canning deseja muito conhecê-lo. — Levantou-se para escoltar o visitante até a porta. — Que tal amanhã à noite?

— Será um enorme prazer.

Os dois homens saíram do escritório e estavam prestes a alcançar o hall de entrada quando outra visita foi anunciada. Canning praguejou em voz baixa ao avistar a recém-chegada, então assumiu os impassíveis modos diplomáticos.

— Com licença, lorde Kilburn. Estarei de volta em um instante.

Ross permaneceu imóvel no hall, envolto em sombras, momentaneamente emudecido diante da visão da mulher europeia alta e ruiva que tinha acabado de entrar. Sua reação instintiva se dissipou antes mesmo que se manifestasse. Ele conhecia aquela mulher de meia-idade, cabelos avermelhados e rosto atraente, e a presença dela ali era quase tão surpreendente quanto a da filha teria sido.

Canning caminhou em direção à nova visitante.

— Boa tarde, lady Cameron. Lamento, mas não tenho nenhuma novidade desde sua última visita.

— É que um comerciante persa, que acabou de chegar a Constantinopla vindo de Bucara, jura que nenhum inglês foi executado lá. — Lady Cameron tinha os olhos fixos no rosto do embaixador. — Meu filho está vivo, sir Stratford. O governo britânico nada fará para resgatar um homem que foi capturado enquanto estava a serviço da rainha?

Pacientemente, Canning respondeu:

— Lady Cameron, tenho ouvido centenas de rumores a respeito do destino de seu filho e quase todos levam a crer que ele está morto. McNeill, o embaixador britânico no Teerã, não tem dúvida sobre o que aconteceu e está bem perto de Bucara. — Sua voz se suavizou. — Sinto muito. Sei que é difícil para a senhora acreditar que seu filho esteja morto.

Ross deu alguns passos adiante, indo se juntar aos outros dois.

— Lady Cameron, não pude deixar de ouvir suas palavras. O que houve exatamente?

A mulher se virou para ele.

— Ross! — Ela deu um passo à frente, com as mãos estendidas e o rosto radiante. — Você é a resposta às minhas preces.

— Ambos se conhecem? — Canning perguntou, surpreso.

— Muito. — Ross apanhou as mãos da mulher e se curvou para beijá-la na face. — Lady Cameron é minha sogra.

Canning fez uma careta.

— Então, sem sombra de dúvida, este é um dia infeliz para o senhor. Deduzo que as notícias sobre o trágico destino do major Cameron não tenham chegado à Inglaterra antes de sua partida.

— Não ouvi nada a respeito. — Fazia vários anos desde que Ross tinha visto Jean Cameron pela última vez, mas sempre gostara muito da sogra e era grato por não ter sido considerado culpado pela fuga de Juliet.

Ele franziu o cenho ao estudar o rosto da mulher a sua frente, vendo que a costureira indecisão tinha dado lugar a uma determinação ferrenha, uma das características da formidável filha.

— O que aconteceu a Ian?

— Lamento tanto. Ele sempre teve um enorme talento para se meter em confusão. — Ela tentou sorrir, porém suas mãos apertaram as do genro. — Como sabe, Ian encontrava-se na Índia. No início do ano passado, ele foi enviado para uma missão em Bucara, para pedir a libertação de todos os escravos russos detidos lá. A ideia era eliminar qualquer provocação que desse a Rússia uma desculpa para invadir o canato, uma vez que a Grã-Bretanha preferia que Bucara permanecesse independente. O emir

não apenas recusou o pedido como também fez de Ian prisioneiro. — Ela olhou de soslaio para o embaixador, aparentando severidade. — Agora o governo que enviou meu filho àquele lugar o abandonou.

Canning a encarou, pesaroso.

— Se algo pudesse ser feito, nós faríamos. No entanto, lady Cameron, deve aceitar que é tarde demais. O emir de Bucara é perigoso e imprevisível, além de não gostar de europeus. Seu filho era um homem corajoso. Ele sabia dos riscos que corria quando foi para lá. — Tais palavras soaram como um epitáfio.

Lady Cameron abriu a boca para falar quando um novo grupo de visitantes surgiu, dessa vez ricamente vestidos como oficiais turcos. Após um breve olhar aos recém-chegados, Canning disse a Ross:

— Devo me retirar agora, mas se o senhor e lady Cameron quiserem conversar mais, podem usar a sala próxima ao hall.

— Sim, Ross, vamos continuar nossa conversa — ela interveio, depressa.

Enquanto Ross seguia a sogra rumo à pequena sala indicada por Canning, a débil, mas confiável voz que vinha de seu íntimo lhe dizia que se envolveria em problemas.

Assim que a porta se fechou, Jean Cameron se pôs a andar de um lado para o outro sem cessar.

— É um enorme alívio ver um rosto amigo. — Ela sorriu sem vontade. — Canning e seus companheiros são educados, mas me tratam como uma tola, uma mulher desequilibrada que se recusa a encarar os fatos. Eles se arrepiam toda vez que apareço.

— Sentem-se mal por não poder ajudá-la — Ross opinou. — Canning parece achar que a evidência da morte de Ian é muito forte.

— Mas meu filho não está morto! Eu sentiria se ele tivesse morrido. — Ela o olhou de relance. — Trata-se de instinto maternal, você sabe... Embora eu sinta uma saudade extrema de Juliet, não me preocupo com ela, porque sei que está bem, ao menos fisicamente. Ian não está bem, contudo não está morto, tenho certeza absoluta a esse respeito.

O lorde hesitou por um momento antes de prosseguir com cuidado:

— Considerando como os prisioneiros são tratados naquela parte do mundo, Ian teria tido muita sorte se tivesse sido morto logo.

Ela fitou o genro com olhos penetrantes.

— É fácil para você dizer isso. Faz alguma diferença a você se Ian está vivo ou morto?

— Ainda há pouco, recebi a notícia da morte de meu irmão. — Ross fechou os olhos brevemente, pensando no cunhado de cabelos

avermelhados.

Ian era apenas um ano mais velho que Juliet, tão exuberante e cheio de vida quanto a irmã. Tornando a abrir os olhos, ele acrescentou, desolado:

— Não lamento a perda de meu irmão a metade do que me compadeço da morte de Ian.

Tais palavras abalaram lady Cameron mais do que a fúria que a dominava. Passando a mão fatigada pela testa, ela falou:

— Sim, sir Stratford disse que hoje é um dia duplamente infeliz para você. Sinto muito, Ross. Eu não devia ter sido tão severa com você. — Estando razoavelmente informada sobre a família Carlisle, ela continuou: — Kilburn teve um filho com a nova esposa?

Quando Ross meneou a cabeça em negativa, ela estreitou o olhar, pensativa.

— Então, agora você é o herdeiro do duque. Suponho que eu deva passar a chamá-lo de Kilburn.

— A senhora me conhece há tempo demais para começar a me tratar de modo formal. — Ele retorceu a boca. — Como futuro duque, tenho de assumir os negócios da família. Estarei navegando para Londres dentro de alguns dias.

— Invejo sua mãe. É uma pena que meus filhos não tenham o bom-senso de permanecer seguros em casa e, em vez disso, estejam espalhados aos quatro ventos. Por essa razão, estou aqui sozinha. — Lady Cameron sentou-se no sofá, esparramando as saias com graça. Retornando ao assunto que mais a interessava, disse: — Sir Stratford fala como se houvesse uma prova cabal da morte de Ian, mas esse não é o caso. Você sabe como é essa parte do mundo, quase quatro mil quilômetros separam Constantinopla de Bucara, e não há uma maneira confiável de saber o que acontece por lá. O embaixador britânico mais próximo, sir John McNeill, está no Teerã, que ainda fica a quase dois mil quilômetros de distância.

— Quais notícias McNeill e Canning tiveram a respeito?

Ela deu de ombros.

— Que, há anos, Bucara não recebe nenhum visitante inglês; que o único homem inglês que se encontra lá se converteu ao Islã e agora é o chefe da artilharia do emir; que um inglês esteve lá no ano passado e foi morto a tiros, ou decapitado, ou ainda se encontra preso no Poço Preto do emir. Comenta-se também que o emir tem inúmeros prisioneiros europeus, quando na verdade todos são russos. São tantos rumores que não acrescentam nada. O comerciante persa de quem falei antes esteve em Bucara recentemente e jura que não ouviu nada que indicasse que um europeu tivesse sido executado. Todavia, a embaixada prefere acreditar

que Ian está morto porque é mais fácil para eles.

— Creio que esteja sendo injusta com a embaixada. Mesmo que não tenha havido uma execução pública, não significa que Ian esteja vivo.

Ela fez uma carranca.

— A única coisa que sempre lamento a seu respeito, Ross, é sua imparcialidade, capaz de enervar qualquer criatura.

Ele se virou e vagou pela saleta, parando diante de uma pintura que retratava uma paisagem inglesa.

— Tem razão. Eu provocava essa reação em Juliet.

Ele ouviu um breve suspiro atrás de si e constatou que lady Cameron estava arrependida do próprio comentário. Apesar da afeição mútua, era melhor que ambos não se encontrassem, pois suas conversas eram sempre carregadas de tensão embora tentassem, geralmente sem sucesso, evitar questões dolorosas.

Quebrando o silêncio repentino, ela disse:

— Desisto de buscar ajuda desta embaixada. Pensei em ir a Londres e suscitar o interesse do povo britânico, mas o tempo é precioso e um resultado favorável levaria meses para ser conquistado. Simplesmente não sei o que fazer.

Voltando a encará-la, ele se manifestou:

— Sei que não quer ouvir o que vou lhe dizer, mas o melhor a ser feito é aceitar que não há mais nada que possa fazer. Como Canning mencionou, Ian sabia muito bem dos riscos que corria quando decidiu ir a Bucara. Para mim, está muito claro que um oficial que tem a missão de transmitir um pedido do governo britânico não seria bem recebido lá, não importando quão diplomático ele fosse.

Ela abriu a boca para contra-argumentar, mas a fechou em seguida. Após uma longa pausa, disse enfim:

— Como sabe, sou tão distraída que me esqueci de que estive em Bucara, na companhia do tenente Burnes, vários anos atrás. Fico imaginando por que você não publicou nada a respeito, como costuma fazer com suas outras viagens.

— Alex Burnes era o comandante da expedição, e o livro dele contava tudo o que era preciso ser dito. Além do mais, naquela época, eu estava mais interessado em viajar pelo Saara do que voltar para casa e escrever.

— Ross a surpreendeu fitando-o, então acrescentou devagar, enfatizando cada palavra: — Exatamente porque estive em Bucara, sei que não há esperanças para Ian. O emir é um homem excêntrico, que acredita que o deserto o protegerá de todas as represálias. Ele não teria hesitado em ordenar a execução de um prisioneiro irritante e inconveniente.

Ele reparou no exato momento em que a frustração de Jean Cameron se transformou em entusiasmo.

— Ross, é um dos poucos ingleses que estiveram em Bucara — ela disse, ansiosa. — Poderia voltar lá e tentar descobrir o que aconteceu com Ian? Se ele estiver vivo, poderá pedir que o libertem. Caso contrário... — Suspirou, trêmula. — É melhor ter certeza do que passar o resto da vida imaginando o destino de meu filho.

Ross se sentiu profundamente triste por ela, porém tal sentimento não alterava os fatos. Ele vira a morte inesperada em muitos lugares para acreditar em milagres.

— Sinto muito, mas não posso voltar lá. Devido à morte de meu irmão, tenho de retornar à Inglaterra. Inclusive, acabei de cancelar meus planos de visitar a Arábia. Além disso, ir a Bucara não serviria a propósito algum, pois o destino de Ian certamente foi decidido há muito tempo.

— Está enganado. Sua ida a Bucara teria um propósito útil — ela discordou. — E não apenas para mim. Ian estava noivo de uma garota inglesa na Índia, a filha do coronel que o comandava. Como acha que ela se sente, sem saber se o noivo está vivo ou morto?

Até o momento, Ross havia mantido o equilíbrio, mas as palavras de Jean o afetaram profundamente.

— Sem dúvida, ela deve estar se sentindo como se estivesse no inferno — ele respondeu com rudeza. — Ninguém sabe o que é isso melhor do que eu. Mas minha obrigação com minha família deve vir em primeiro lugar.

Ela ruborizou, mas não desistiu.

— Por favor, Ross — murmurou com doçura. — Estou lhe pedindo que me ajude. Não sobreviverei à perda de outro filho.

Por um instante, ela o fez se lembrar de Juliet. Dando meia-volta, ele se pôs a andar a passos largos pela sala. Nos últimos doze anos, ele sentira muitas coisas em relação a seu casamento fracassado: tristeza, raiva e inúmeras dúvidas sobre o motivo que levara Juliet a deixá-lo. Inevitavelmente, também havia sentido culpa, imaginando que tipo de crime teria cometido para que sua jovem esposa o abandonasse e se enterrasse em um lugar distante. Se não tivessem se casado, ela nunca teria sentido a necessidade de declarar a própria independência de forma tão catastrófica.

A sogra e ele nunca haviam discutido o assunto, mas Ross estava certo de que ela sabia o quanto ele se responsabilizava pelo que tinha acontecido. E agora Jean estava usando esse conhecimento para coagi-lo a executar essa perigosa e inútil missão.

Ele parou diante da janela e ficou observando a exótica cena: os domos e minaretes iluminados pelos raios solares daquele fim de tarde. Deliberadamente estudava a estrutura da janela enquanto lutava para reaver o controle de suas emoções. Ao contrário das casas turcas, havia vidraças para proteger do inverno rigoroso. Vários centímetros além do vidro, uma graciosa grade de ferro servia tanto para decoração quanto para proteção no caso de uma turba decidir dirigir sua ira a infiéis.

O frágil vidro externo era o símbolo da presença britânica na Ásia. Um estrangeiro poderia morrer de muitas maneiras ali: de doença, devido ao calor ou frio intenso, de sede, nas mãos de ladrões ou da multidão em fúria. Ross já se arriscara a todos esses perigos muitas vezes antes, mas devia ter mais cuidado com a própria vida em consideração aos pais.

Quando a cólera diminuiu, ele percebeu que estivera prendendo a respiração. Na verdade, tendo partido da Inglaterra havia pouco tempo, tinha pouca vontade de retornar tão depressa. E, não importava quanto ele se empenhasse para cumprir suas obrigações para com a família. No final das contas, ele fracassaria por causa do insensato e obstinado casamento de seus vinte e um anos de idade. Enquanto Juliet vivesse, ele não seria capaz de gerar um herdeiro que levasse o nome da família Carlisle. Apesar de tudo, ele não conseguia desejar que ela morresse pura e simplesmente, mas poderia se casar pela segunda vez e cumprir sua triste obrigação. Era uma pena que o irmão mais velho tivesse apenas filhas.

Ross fracassara com a esposa e com a família; talvez, pensava com amargura, pudesse encontrar algum conforto fazendo o que Jean Cameron lhe pedia. Havia apenas duas desvantagens para sua ida a Bucara. Se ele morresse, seria uma perda muito difícil para os pais; e, se o pai morresse durante os meses em que estivesse afastado da Inglaterra, seria terrível para ele. Entretanto, ele era especialista em se sentir culpado.

Virando-se, apoiou-se contra a janela, os braços cruzados sobre o peito.

— É uma mulher cruel, Jean — murmurou, resignado. — Sabe que não consigo recusar quando me pede algo dessa maneira...

Por um momento, ela fechou os olhos, disfarçando as súbitas lágrimas de alívio.

— Sei disso, e não me orgulho de tirar vantagem de tudo o que eu puder — ela sussurrou, trêmula. — Mas eu não pediria tal coisa se acreditasse que você pudesse estar arriscando a vida.

— Eu gostaria de poder partilhar de seu otimismo — ele replicou, seco. — Tive muita sorte de visitar Bucara em certa ocasião e sair de lá

vivo. Voltar àquele lugar pela segunda vez é, definitivamente, brincar com a sorte.

— Vai retornar em segurança — ela afirmou, recusando-se a permitir que tais palavras minassem sua esperança. — Não apenas isso, tenho uma forte sensação de que essa missão beneficiará não apenas Ian, mas você também.

Ele arqueou as sobrancelhas, sardônico.

— Caso se lembre, era esse sentimento que a levava a acreditar que Juliet e eu éramos feitos um para o outro, enquanto todos os demais duvidavam. Se a senhora não tivesse dado permissão, nós não teríamos nos casado e uma imensa dor teria sido evitada. Não a estou culpando por ter feito o que Juliet e eu queríamos, porém me perdoe se não estou convencido da confiabilidade de sua intuição maternal.

Jean desviou os olhos de Ross.

— Ainda não consegui entender o que deu errado. — O tom de voz feminino era quase inaudível. — Juliet e você pareciam feitos um para o outro. Ainda agora, não sinto, no fundo de meu coração, que o casamento tenha sido ruim para você.

— Deus nos proteja dos fantasmas e demônios que vagam pela noite, e da péssima intuição de escocesas inescrupulosas — Ross disse, citando uma antiga oração escocesa, mas seu tom era afetuoso.

Se tivesse um filho, sem dúvida, seria tão implacável quanto Jean ao tentar protegê-lo. Cruzando a sala, pousou a mão sobre o ombro da sogra.

— Juro que farei o melhor para descobrir o que aconteceu com Ian e, se possível, o trarei de volta para casa.

Contudo, ele não revelou que o maior êxito que imaginava obter seria retornar com os ossos de Ian.